

Francisco Alexandre Ferreira Mendes

Natalino Ferreira Mendes



É desses homens que se destacaram pela cultura, pela autenticidade e, sobretudo, pela grandeza de alma, qualidades que os tornam figuras incomparáveis - faróis balizando, nos meandros da caminhada humana, a direção certa na incerteza aparente da existência. Homens dotados de integridade de caráter e de talento, aliados à longa experiência adquirida no contato com as asperezas da vida, características que lhes enriquecem o espírito, que se transborda, em busca do semelhante, proporcionando-lhe, sob variadas formas, ensinamentos, cultura, educação em prol do desenvolvimento da humanidade de que fazem parte, contribuindo, dessa forma, eficazmente, na procura da verdade, porque, já diziam os antigos, *“só os que são absolutamente eles próprios no mundo podem cumprir sua própria natureza; só os que preenchem a sua própria natureza podem preencher a natureza dos outros.”*

Francisco Alexandre Ferreira Mendes tinha o conhecimento, através do estudo dos livros e a sabedoria da vida, consciente de que, conforme ainda a filosofia antiga, *“para ir do conhecimento dos livros ao conhecimento da vida, não basta tão somente pensar ou ponderar; é preciso tentar caminhos, ter a sensação das coisas como são e conseguir uma impressão correta dos inumeráveis aspectos da vida humana, não como partes sem relação, mas como um todo. Nisto de sentir a vida e adquirir experiência cooperam todos os nossos sentidos, e é através da cooperação dos sentidos e do coração com a cabeça que podemos ter o calor intelectual.”*

Por esse processo de formação o homem chega à compreensão do mundo em que vive, tornando-se não só uma pessoa instruída, mas educada. *“O homem instruído na ciência - diz Huberto Rohden - pode ser bom ou mau, mas o homem que educou sua consciência é necessariamente bom e feliz.”*

“A instrução - prossegue o filósofo - ensina o homem a descobrir as leis da natureza, isto é, a ciência, mas a educação leva o homem a criar valores dentro de si mesmo”.

Francisco Mendes era um homem instruído na ciência e que soube educar a sua consciência, criando em si mesmo valores que aureolam a sua memória pelos trabalhos que produziu e pelas atividades que exerceu durante sua longa existência terrena.

Sua vasta produção literária, em maior parte ainda inédita, guarda um tesouro que precisa ser descoberto para que os seus sucessores dela se aproximem e aproveitem o enorme manancial do pensamento do inolvidável mestre.

Personalidade ímpar, plasmada no amor e dedicação ao trabalho e ao estudo, embasada nos exemplos de um lar paterno bem formado, Ferreira Mendes sentiu desde cedo o chamamento para o magistério, vocação que o levou a dedicar-se às novas gerações, aos jovens e adolescentes, que são o futuro da sociedade, e que por isso mesmo devem ser bem orientados.

Paulo Setubal, ressaltando a obra alta de nacionalismo realizada por João Ribeiro, nota que essa obra *“se tornou concreta e eficiente graças à vocação do homem, vocação irresistível, que é a sua qualidade primacial, razão de ser das suas canseiras, escopo dos seus esforços, única finalidade dos seus labores: o professor.”*

Francisco Mendes, como ele mesmo o diz, encaneceu na profissão de professor e educador. Como João Ribeiro, foi professor em tudo. Foi professor como jornalista, como historiador, memorialista e como folclorista, quando não estava na cátedra ensinando e educando levas e levas de adolescentes e jovens que se tornaram homens e mulheres úteis a Mato Grosso e ao Brasil.

É o professor que se lança à pesquisa histórica, ilustrando-se no conhecimento do passado da terra natal. E como ninguém acende uma luz para escondê-la, aquele que se ilustrou sente necessidade de transmitir aos outros a visão que adquiriu do mundo e das coisas, pelo estudo, pesquisa e meditação. É mister que o amor despertado pelo conhecimento da terra se espalhe e atinja o maior número de corações. Mostrar-lhes, de forma amena e atraente, a origem e evolução do povo, como começou e se desenvolveu o torrão natal. Mostrar as lutas, os sacrifícios, as conquistas e as transformações que se operaram no tempo e no espaço.

Vivendo uma fase de transição, em que o progresso avassalador ameaça destruir tudo o que lembra o passado, a tradição, a crença, Francisco Mendes, penso eu, preferiu dedicar-se à Crônica, às memórias, aproveitando-se da imprensa como meio de chegar mais próximo do povo, falar-lhe com carinho do passado da terra, através de imagens e fatos, muitos dos quais o próprio autor foi testemunha e nos transmite, para que os elos da corrente da tradição não se percam.

É o professor, o educador que se manifesta no historiador, no jornalista, no ensaísta, no folclorista.

É ainda o professor e educador que conduz o saudoso mestre em ascensão na escala social e nos meios oficiais. Catedrático de português, francês e outras matérias, ia buscar o adolescente no começo dos estudos secundários, no curso de admissão ao Ginásio que mantinha, e o acompanhava através dos anos, vendo o adolescente desabrochar-se em jovem que se instruíra e se educava.

Segundo Rubens de Mendonça, Ferreira Mendes exerceu os cargos de professor e diretor do Liceu Cuiabano, professor da Escola Normal “Pedro Celestino”, diretor de vários grupos escolares, Secretário particular do Interventor Fenelon Müller, diretor da Instrução Pública e fundador e primeiro diretor do Departamento de Educação e Cultura. Colaborou nos jornais não só de Mato Grosso como de São Paulo e Rio de Janeiro. Dirigiu o jornal *O Evolucionista*, de Cuiabá. Foi sócio da Sociedade Amigos de Marden, do Espírito Santo, e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso; membro correspondente do Grêmio “Alfredo Paulino”, do Ginásio de mesmo nome, de São Paulo; sócio da Associação de Imprensa Mato-grossense; membro da Academia Mato-grossense de Letras e Assessor da Fundação Cultural de Mato Grosso.

Em 1939, quando adolescente, vim a Cuiabá cursar o saudoso Ginásio Salesiano São Gonçalo e Francisco Mendes era já um nome querido e respeitado, uma reserva moral, um patrimônio de inteireza e caráter e educador emérito.

Anos mais tarde, sendo eu professor e diretor do Ginásio “Onze de Março”, da minha terra (Cáceres), vim a Cuiabá tratar de assunto do educandário que dirigia. Francisco Mendes era o Diretor do então Departamento de Educação e Cultura do Estado. Lembro-me bem. O mestre não perdeu a oportunidade de abrir o coração ao parente distante, deixando extravasar do escrínio da sua alma de educador, palavras de esclarecimento sobre a profissão espinhosa e materialmente mal recompensada que eu abraçara, ao tempo em que me incentivava ao estudo, ao desenvolvimento cultural. Tudo com aquele modo austero, mas bondoso e acolhedor.

Francisco Mendes se coloca no horizonte de dois mundos: o passado, que ele procura a todo custo manter vivo, e o faz através das suas crônicas; e o porvir, que ele intui promissor para a sua terra e sua gente. Mas ele, o Autor, é o presente, vive a atualidade, é homem do seu tempo. A literatura, que faz, *“alimenta-se dos assuntos que lhe oferece a região.”*

Tem a qualidade que, segundo Machado de Assis, *“se deve exigir do escritor, que ele seja homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.”*

Da posição intermediária entre o que passou e o que há de vir, Francisco Mendes percebe o choque dos ritmos – o tradicional e o moderno. O progresso avassalador ameaça os valores da cultura e da tradição, pondo em perigo a nossa própria identidade cultural.

É preciso que se façam ouvir vozes de advertência. E ninguém melhor que o professor/historiador poderia fazer-se ouvir.

Por isso, o emérito historiador se dedica ao passado, penetrando-o sempre mais, até chegar ao estudo do fabulário, do folclore, que o preclaro Mestre chama de *“elemento de interpretação dos aspectos da vida gregária dos povoadores de trechos do território pátrio, isolados no seio imenso das regiões afastadas da comunhão civilizadora.”* É como ele acentua, *“uma espécie de instrumento científico, de ligação e análise de alma popular, do coração sertanejo, constituindo-se dessa maneira em elo fortíssimo de coesão nacional.”* Certo estava o Mestre de que, como bem se expressou Paulo Setubal, o estudo da história, o estudo da língua e o estudo do folclore são as três raízes que se afinam mais profundas no substrato de uma nacionalidade.

É a partir das origens, da própria alma popular, que Ferreira Mendes vai reconstituir a imagem do pretérito, a identidade cultural do povo mato-grossense, e onde vai buscar o *“elemento de formação sociológica”*, de vez que o Folclore *“situa os fatos registrados no ambiente ecológico que a civilização vai, sub-repticiamente, modificando, transformando-se na metamorfose constante dos cenários fisiográficos da terra.”*

Essa reconstituição ele a faz com mestria, fidelidade e precisão, *“ao sabor das lembranças”*, revelando, no decorrer das narrativas, *“o valor da gente destemerosa, na luta, defesa e preservação do patriotismo herdado dos maiores.”*

Homem do presente, assistindo, com vivo júbilo, a avançada da civilização, teme, contudo, pela perda da perspectiva do passado da terra, quando vê que *“a paisagem pitoresca, que envolvia a urbs cuiabana, vai desaparecendo no tempo, à medida que a civilização avança, destruindo, materialmente, a perspectiva do passado da terra.”*

Que não se apague a *“lâmpada maravilhosa que ilumina o passado, vincu-lando na alma das novéis gerações o elo inquebrantável, que a filosofia da vida chama tradição, que malgrado, na reminiscência do tradicionalismo histórico, vai-se apagando...”*.

Como uma das raras testemunhas de um longo lapso de tempo que ficou para trás, o preclaro memorialista procura como que debuxar ou pintar

sobre a realidade presente, a imagem da cidade antiga, da Cuiabá da sua infância, inspirado pela saudade. E o faz com segurança, memória fiel, e profundo conhecimento da história regional, que é uma célula da história nacional e universal.

São os “caminhos” que o escritor vê transformarem-se nas ruas atuais *“transpondo colinas de suaves inclinações, aumentando a extensão da cidade que se espalha por todos os lados.”* É a leadeira do Seminário da Conceição encoberta pelo urbanismo. O declive do outeiro da Boa Morte e do Lava-pés, que se prolonga a noroeste, indo desaparecer nas leiras do Ribeirão da Ponte. O quadro da velha mata marginal do rio Cuiabá. Por onde se olha, a abundância, a fertilidade do solo, velhas ruas, com velhos nomes já substituídos. E, além, os caminhos das tropas, *“demandando o norte do Estado, onde floriam Rosário Oeste e Diamantino, entre postos de comércio da borracha do início do século.”* Os vilarejos que surgem nas trilhas sertanejos rondadas de laranjais. A poesia incomparável do passado, ao compasso das tropas viajeiras soando guizos e campainhas...

Ferreira Mendes percebe que *“perpetuar a tradição e o passado da terra na modéstia da sua crença ou na grandiosidade dos seus fatos, descrevendo-lhe a vida e a formação político-social do povo é contribuir para engrandecer a pátria, tornando-a conhecida e imortal.”*

E prossegue o ilustre mato-grossense: *“Na atualidade, quando o aspecto da pentacinqüentenária capital de Mato Grosso, perdendo a velha feição colonial se metamorfoseia em metrópole agitada, confundindo-se os antigos e raros selares remanescentes com o modernismo arquitetônico do cimento armado dos arranha-céus; quando as ruas tortuosas e os melancólicos largos ensombrados, reminiscências da vila garimpeiro, vão se transformando em avenidas asfaltadas e praças ajardinadas, retificadas pelo urbanismo modelador das metrópoles; quando as viaturas motorizadas cruzam aos milhares as ruas e o ruído das aeronaves, boeings e caraveles, ferindo a imensidão dos espaços, encurtando distâncias, passam anunciando uma civilização adiantada e próspera, a aparência de vetustos logradouros, com seus cruzeiros e velhos chafarizes, põem no espírito do observador curioso uma interrogação, como a pedir ansioso uma explicação.”*

O historiador está de acordo com o urbanista quando explica que *“para não esquecer o passado (ou não apagá-lo), é preciso haver uma atitude voltada para o futuro; ou, invertendo os termos, para preparar o futuro (do Rio) é necessário lembrar (e rever) a cidade antiga. A partir da contraposição passado e futuro, cuja*

síntese só pode ser elaborada no presente, passa a ter novo sentido a luta pela preservação dos valores da nossa cultura, da nossa paisagem e das nossas tradições.” (Glauco Campello - SPHAN 29 - Pró-Memória - março/abril, 1984).

Francisco Mendes percebe nessa contraposição o novo sentido do que deve tomar a luta pela defesa do passado e estende o seu estudo até a própria alma do povo. Dedicar-se ao nosso fabulário e ao nosso folclore, procurando, através deles “*informar e manter a continuidade histórica da nossa sociedade*”, perpetuando “*a vida da cidade na descrição de esquecidas lendas ouvidas nos serões de solar avoengo, lendas simples, histórias singelas, que assinalam, porém, a índole de um povo e definem o caráter de uma raça forte e respeitável na sua crença e na sua fé.*”

Os monumentos, os templos religiosos, são para Francisco Mendes como “*marcos da crença da gente mato-grossense e atestado eloquente do esforço que é a significação sublime das esperanças no futuro promissor da hospitaleira e carinhosa terra cuiabana.*”

O professor/historiador, revendo o passado, tem os olhos e o coração no futuro que será uma consequência do que se elaborar no presente.

Sabe que “*o passado existe e é força viva, atuante na existência*” e apresenta exemplos e ensinamentos que influem na formação da infância e adolescência.

E o professor que aflora no historiador. Educa na cátedra pelo exemplo de estudo e trabalho, e volta a ensinar e educar através da história, procurando despertar a atenção dos coevos para o estudo do nosso folclore.

O historiador tem a preocupação de manter a ligação do passado da terra ao presente, apontando-nos nos marcos remanescentes da cidade antiga o valor e a coragem de um povo que lutou pela sobrevivência, dando ao homem moderno “*exemplo vivificante de energia dos que souberam lutar e vencer, perpetuando o valor e a enfiatura de uma grande raça.*”

O que Francisco Mendes busca, como professor e historiador, é a valorização do homem, apontando aos contemporâneos os reais valores do passado, que se não destroem com o tempo – os valores do espírito.

De posse de enorme cabedal de conhecimentos históricos, inspirados no sublime amor à terra natal, o professor Francisco Mendes reproduz o passado consciente de que, como disse Antenor Vieira, “*um povo caminha a passos largos para o abismo em que se destruirá, quando a sua mocidade ficar, indiferente às galas de seu passado e alheia ao seu índice de cultura.*”

Admirável estilista, escritor escoreito, que revela o cultor das letras, Francisco Mendes possuía natural aptidão para descrever os cenários e nar-

rar os fatos em estilo claro, vivo e harmônico, que prende e enleva o leitor.

Não me consta ter o professor Francisco Mendes escrito versos. Mas a poesia aflora na sua prosa, mormente quando, ante a visão de um passado, que morre, sensibiliza-se a alma do escritor, como nesta passagem digna de uma antologia:

Córrego da Prainha! Como peregrino, deixas de ser nas feracíssimas paragens da terra quase tricentenária, oásis de fartura, para constituíres relíquia desprezada, tão cheia de saudades do tempo, em que abrias o leito fértil de promessas e de anseios, de dádivas e de belezas, representando na atualidade, na fralda do outeiro, que ainda beijas rastejante, apenas um traço recordativo do passado esplendor cuiabano. Não piam mais nas tuas matas marginais as jaós tristonhas, nem as saracuras entoam os duelos alegres, hosanas às lendas, que enfloram a tradicionalidade com que tuas fontes cristalinas fecundavam a mata abundante, na fartura dos frutos que saciavam a ânsia das bandeiras. Mudo, encerrado entre paredes artificiais da arte moderna do gênero humano, segues, entretanto o teu destino, entre as misérias das impurezas, que a ingratidão dos administradores da terra, te deixaram enfeitar. Sem mais as moitas das canaranas que te aureolavam os lindes, por onde corre tua linfa, onde outrora os ninhos das aves aladas, que te povoavam, cantavam nas ante-manhãs o epitalâmio da saudação estupenda, aos beijos vivificantes dos dilúculos ímpares da terra prodigiosa, trazem-te hodiernamente, vezes, o conforto das orquestrações de cortesia à lembrança, a melodia e a saudade da flauta maviosa dos sabiás, nas alvoradas primaveris, como uma nota melancólica no presente, ligando o passado que desaparece, ao futuro que sorri.

Córrego da Prainha! Na evocação do papel que representaste mais de dois séculos e meio, na obra civilizadora da terra, esta página, réquiem de recordações, representará na tradição da urbe, uma carícia, no seio infinito da natureza, que fecundaste e em que ora te estiolas desamparado.

Amando e servindo com dedicação à Pátria, no estudo, no magistério, como pesquisador, historiador, cronista e jornalista, o professor Francisco Mendes era um modelo de civismo, reconhecido pela sociedade e pelo poder público, tornando-se merecedor de representar a Comissão Nacional de Civismo em Mato Grosso.

Em 1976, é, com justiça, escolhido pela Comunidade Acadêmica do nosso Estado, como Professor Padrão do Ano. O homenageado se converteu, através dos anos e anos de cátedra, em símbolo das qualidades, que deve possuir o professor, para bem desempenhar a missão de ensinar e educar as novas gerações.

Principais Obras:

Rondon e o Norte. Revista do IHGMT, Ano XXII, Tomo XLIII/XLIV, Cuiabá, 1940.

A Academia e a Cultura. Cuiabá, Escola Industrial, 1946.

O Sete de Maio de 1892. Revista do IHGMT, Ano XXIX-XXX, Tomo LVII, LX, Cuiabá, 1947/48

Generoso Paes Leme de Souza Ponce. Revista do IHGMT, Ano XXIII, X, Tomo LV, LVIII Cuiabá, 1951/52.

O folclore na obra de José de Mesquita. Revista da Academia Matogrossense de Letras, Ano XXII, XXIII, Tomos XLIII, XLVI, 1954/55.

Diamantino. Revista do IHGMT, Anos XXVII, XLVIII Tomos LXIII, CVI, 1955/1976. A Bondade de D. Aquino. Revista da Academia Matogrossense de Letras, Ano XXIV, Tomos XLVII - XLVIII, 1956.

José de Mesquita, o primeiro Presidente da Academia Matogrossense de Letras. Revista da Academia Matogrossense de Letras, Anos XXVII e XXVIII, Tomos LII- LIV, 1959/61.

A Mata do Angical. Revista da Academia Matogrossense de Letras, Ano XXIX, Tomo LV, 1962.

Folclore Mato-grossense. São Paulo, Vaner Bicego, Edição da Fundação Cultural de Mato Grosso, 1977.

Lendas e Tradições Cuiabanas. São Paulo, Vaner Bicego, Edição da Fundação Cultural de Mato Grosso. 1977.

Resenha Histórica de Mato Grosso. Cuiabá, Governo do Estado de Mato Grosso, 1971. Tragédia Mesopotâmia. Revista do IHGMT, Ano XLIX, Tomos CVII-CVIII, Cuiabá, 1977.

Diamantino. Revista do IHGMT, Ano L, Tomos CLX-CX, 1978.

Rondônia. Revista do IHGMT, Ano LI, Tomos CXI, CXII, 1979.

Lendas e Mitos. Revista do IHGMT, Ano LII, Tomos CXIII -CXIV, 1980.

João Batista das Neves. Revista do IHGMT, Ano LIII, Tomos CXV-CXVI, 1981. Histórico do Teatro em Cuiabá. Revista do IHGMT, Ano LIV, Tomo CXVIII, 1982. Cuiabá dos meus sonhos. Revista do IHGMT, Ano LVI, Tomos CXXI-CXXII, 1994.

D. Francisco de Aquino Corrêa. Revista do IHGMT, Ano LVII, Tomos CXXIII-CXXIV, 1985.

